

---

## BIOGRAFIA E CANÇÕES: ASPECTOS BIOGRÁFICOS EM “HISTÓRIAS DE CANÇÕES – CHICO BUARQUE”

Georgiana Coelho  
UFPB  
[jalegi@bol.com.br](mailto:jalegi@bol.com.br)  
Socorro de Fátima P. Barbosa  
UFPB/CNPq  
[socorrofpbarbosa@hotmail.com](mailto:socorrofpbarbosa@hotmail.com)

Este trabalho pretende analisar os aspectos biográficos da mais recente dentre as obras sobre vida e obra de Chico Buarque intitulada “Histórias de canções – Chico Buarque”, de Wagner Homem (2009)

Diversos livros já foram escritos a respeito de Chico Buarque. Dentre eles podemos citar os que alcançaram maior repercussão: *Cancioneiro Chico Buarque: Biografia e Obras* e *Chico Buarque Para todos*, ambos de Regina Zappa, *Folha explica Chico Buarque*, de Fernando de Barros Silva, *Chico Buarque do Brasil*, de Rinaldo de Fernandes e a mais recente da qual trata este trabalho, escrita por Wagner Homem, *Histórias de canções – Chico Buarque*

História de Canções é um projeto de Wagner Homem no qual ele pretende produzir uma série de livros enfocando a obra musical de diversos artistas. Optou por começar com Chico Buarque devido à relação que já possui com o artista. O autor do livro é curador do site oficial de Chico Buarque e amigo do compositor há muitos anos.

Um diferencial de “História de Canções” é o fato de que ao contar as histórias das canções, conta a vida de Chico Buarque e, mesmo não se definindo como biografia, acaba sendo.

**Ao contarem-se as histórias das canções, conta-se a vida de Chico Buarque.**

Pra mim, basta um dia, não mais que um dia  
(Chico Buarque)

*Chico Buarque – História de Canções* começa pelo nascimento da MPB tendo como pano de fundo o momento político brasileiro. A narrativa é cronológica, aspecto observado logo no sumário no qual os capítulos correspondem aos anos que foram significativos na

---

criação musical de Chico Buarque. O período narrado inicia-se no ano 1964 e se estende até o ano 2009, ano de publicação da obra.

Em uma biografia o autor pode optar por iniciar a narrativa a partir de qualquer ponto da história de vida do biografado. O ponto de partida, isto é, o momento que o biógrafo elege para iniciar sua narrativa fornece indícios dos caminhos que a sua escrita vai trilhar. Ao começar seus escritos pelo nascimento da MPB, e não pelo nascimento de Chico Buarque, Wagner Homem confirma sua intenção de focar a narrativa nas músicas do artista.

Nas palavras do autor, o objetivo do livro é contar “historinhas” envolvendo a criação musical de Chico Buarque<sup>1</sup>. A trajetória política brasileira segue sendo o pano de fundo em todos os capítulos, com destaque para o período de governo militar, fase especialmente fértil no que concerne à criação musical de Chico.

Ainda no primeiro capítulo intitulado “As primeiras canções” o nascimento de Francisco Buarque de Holanda é retratado brevemente seguindo-se a narrativa das primeiras influências e investidas artísticas daquele que se tornaria o ídolo Chico Buarque.

Enquanto as “historinhas” são narradas, inevitavelmente, a biografia de Francisco Buarque de Holanda vai se delineando. Vida e obra de um artista consagrado como Chico Buarque permanecem indissociáveis no imaginário popular. Seria impossível tratar da vida sem perscrutar sua produção artística, assim como seria impossível contar as histórias de suas músicas sem narrar momentos da vida do artista. Apesar de toda a curiosidade que o conhecimento da sua vida íntima, seus relacionamentos e seu engajamento político despertam, suas criações artísticas se mantêm como o assunto principal em “História de Canções”.

A narrativa, apesar de cronológica, não é linear. A vida do artista é representada de forma descontínua, sem pretensão de linearidade, pois se apresenta em fragmentos atrelados a sua produção musical. Ao contrário de buscar uma coerência e de tentar adequar os acontecimentos da vida a uma sucessão lógica, neste livro o tempo e a história do artista estão sujeitos às composições musicais. São elas que determinam os períodos que interessam ou não ser narrados.

Com este formato, Wagner Homem apresenta uma narrativa que, pelo menos no que concerne ao tempo, foge àquilo que Pierre Bourdieu (1996) denomina ilusão biográfica. A crítica de Bourdieu às biografias é a de que estas costumam seguir um formato diacrônico. Ele critica a busca de linearidade nas biografias, ou seja, uma história com começo, meio e fim. Pois, uma vida seria repleta de mudanças, incertezas e nuances que não caberiam neste formato linear e coerente.

## **A construção do artista**

O retrato do artista quando moço não é promissora, cândida pintura  
(Chico Buarque)

Outro aspecto a se considerar no livro de Wagner Homem (2009), em relação ao texto de Bourdieu (1996) é a ilusão biográfica do ponto de vista da idealização da vida do biografado. Certamente Wagner Homem selecionou, excluiu e ressaltou as canções, e conseqüentemente as histórias ligadas a elas que julgou pertinentes ao propósito do seu trabalho.

A forma como o jovem Chico Buarque é retratado por Wagner Homem pinta-se como a de um promissor artista que já sabia o que queria ser desde pequeno. Em um trecho do livro conta-se a história de um bilhete que o infante Chico, com apenas nove anos de idade, deixou para a sua avó quando este foi morar com os pais na Itália “Vovó Heloísa. Olhe vizinha não se esqueça de mim. Se quando eu chegar aqui você já estiver no céu, lá mesmo veja eu ser um cantor do rádio.” (HOMEM, 2009, p.12) e ainda “ São dessa época suas primeiras aventuras musicais – marchinhas de carnaval, influência, talvez, do que ouvia no rádio da babá índia.” (idem).

A juventude de Chico aparece envolta em um ambiente de inspiração artística: rodas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo, festivais, escritos em jornal estudantil, convívio com artistas da estirpe de Vinícius de Moraes, etc. O livro narra que Chico Buarque teria escrito uma de suas primeiras músicas “Canção dos olhos”, em 1959 quando o compositor tinha apenas quinze anos.

Todas essas passagens escolhidas para estarem no livro parecem assinalar o que Bourdieu (1996) chama de evidências do “Projeto Original” de Sartre, no qual este afirma que há um projeto original que o indivíduo faz sobre si mesmo e que se torna matriz de todos os seus demais projetos.

Ao reunir e escolher momentos em que a face do artista já se delineia, Wagner Homem demonstra sua intenção de representar Chico na sua mocidade, não como um moço qualquer, mas como um esboço do artista que este haveria de tornar-se.

## **A construção da biografia**

Sábios em vão tentarão decifrar o eco de antigas palavras

(Chico Buarque)

As fontes utilizadas por Wagner Homem foram das mais variadas: depoimentos, entrevistas de Chico Buarque divulgadas na imprensa, notícias de jornais e revistas, informações contidas no site oficial do Chico Buarque, do qual o autor do livro é curador, discos, documentos, cartas e ainda, livros sobre Chico Buarque já publicados.

Ao selecionar algumas fontes e descartar outras o biógrafo seleciona aquelas que vão corroborar a forma que ele deseja que a vida do biografado seja idealizada, ou, ainda, seleciona fontes que possuam autoridade para legitimar a biografia. A participação de figuras importantes do cenário artístico brasileiro é abundante no decorrer do livro, seja na forma de depoimentos, seja por fragmentos escritos, reportagens ou participação nas histórias das músicas.

O prefácio foi escrito por Toquinho. Nele, além de destacar a sua amizade com Chico Buarque ele elogia o livro e deseja sucesso ao autor do mesmo.

Ainda que se recorra a depoimentos de outros, a escrita sempre estará sujeita à interpretação e escolhas do biógrafo, escolhas de ordem, lexical, discursiva etc. E, como escolha também é exclusão, o retrato do biografado vai sendo pintado ao gosto do biógrafo.

O tom do discurso passeia entre a simples conversa, por vezes parecendo que o autor está interagindo em tempo real com os leitores :

A emissora, querendo ser mais realista que o rei, resolveu agradar à ditadura e decidiu que ele não apareceria na sua programação, isso no momento em que ele mais precisava trabalhar, perseguido que era pela censura (HOMEM, 2009, p.95).

Em outros momentos o tom é bastante informativo, até jornalístico:

Em junho de 1988, a Constituinte aprova mandado de cinco anos para o presidente Sarney, e no mesmo mês o bloco independente do PMDB deixa a legenda para fundar o PSDB (HOMEM, 2009, p. 247).

Uma característica que costuma ser distinta entre o romance comum e a biografia é a de que, a não ser que o biografado seja um desconhecido, não é o nome do autor que instiga os leitores a ler tal obra, mas o nome do biografado ou o interesse pela sua obra. Já, no que concerne à diferença entre escrever a vida de um artista e a de uma pessoa comum, pode-se destacar que pois mais que se narre acontecimentos da vida cotidiana do artista esta narrativa estará inevitavelmente atrelada à produção artística deste.

*Histórias de canções* (2009) parece dialogar com leitores que intencionam apreender ou compreender a mente criativa de Chico Buarque. Pode-se dizer que ao contar as histórias das canções, Wagner Homem lida com a curiosidade, quiçá o voyeurismo do leitor que ao ler o livro sente-se parte da gênese das músicas de Chico Buarque e das motivações da sua obra musical.

Segundo Mangueneau (2006), o momento do nascimento da escrita, ou composição é cercado de uma aura sacralizada que ajuda a legitimar a obra do escritor, ela denomina esses momentos de “ritos genéticos”. Ao narrar as histórias das canções de Chico, Wagner Homem introduz o leitor na ante sala destes ritos.

Dentro do campo intelectual ou artístico a obra de um artista só se torna compreensível quando confrontada com os valores e pressupostos vigentes na sua época. Ao conhecer com qual pressupostos o artista Chico Buarque se identifica ou identificava-se em determinada época, a compreensão de sua obra se torna mais abrangente.

Mais uma vez obra e autor se associam na compreensão mútua – através da obra compreende-se mais o autor e através da história do autor e de seus contemporâneos, compreende-se mais a obra, cabendo ao leitor a orquestração de todos esses elementos.

### **Relação biógrafo e biografado**

“Eu não respirei, eu não existia, mas eu estava vivo”

(Chico Buarque)

Quando o objeto da biografia está vivo, sua relação com o biógrafo e a biografia acontece de forma direta. No caso de *História de Canções* a relação foi de cumplicidade. Segundo o próprio Chico Buarque, ao ler o manuscrito do livro ele se lembrava de alguma história que podia ser interessante para revelar a Wagner Homem, mas ao continuar a leitura, a mesma sempre estava lá.

Conforme afirma Bourdieu (1996), na biografia, o sujeito e o objeto têm o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada. Aquele, conta com a cumplicidade deste, estabelecendo uma “criação artificial de sentido.”

Recentemente o jornalista Fernando Morais escreveu a biografia de Paulo Coelho intitulada *O Mago* (2008). Em entrevista sobre o livro, o jornalista descreve as agruras pelas

---

quais passou e afirmou que seria a primeira e a última vez que escreveria a biografia de alguém vivo.<sup>2</sup>

Segundo Fernando Morais (2009), ao escrever tal biografia, ainda que autorizada, existiria sempre a preocupação da repercussão do que seria revelado e as consequências disso pelo fato do biografado estar “vivo e andando por aí”. O fato de o biografado estar vivo funcionaria direta ou indiretamente como um instrumento de controle, censura.

Em uma biografia não-autorizada, o biografado não tem controle direto sobre as informações que serão reveladas ou da maneira como a narrativa irá retratá-lo. Os indivíduos citados na narrativa frequentemente se julgam no direito de avaliar ou reprovar o conteúdo da mesma. Afinal, a história de vida pertenceria ao biógrafo ou ao biografado? Tais polêmicas podem resultar até em processos legais contra o biógrafo, fato que ocorreu recentemente quando da publicação de uma biografia não autorizada do cantor e compositor Roberto Carlos.<sup>3</sup>

Uma discussão recorrente quando se trata de biografias é o seu compromisso com a realidade ou a sua liberdade literária. A resposta à questão acima estaria profundamente atrelada ao status que se dá à biografia. Alguns a consideram ficção, um romance, o que ampliaria a liberdade do seu autor. Outros preferem conferir-lhe o status de fato histórico. Segundo Philippe Lejeune (2008) esse status dependeria do pacto firmado entre biógrafo e leitor. Ainda segundo Lejeune (2008), a autobiografia, (e aqui podemos aplicar esta observação também à biografia) à medida que é literária visa ao mesmo tempo o belo e o verdadeiro.

### **Considerações finais**

Partindo dessas proposições, nos deparamos com conceitos variáveis e subjetivos. É realmente Chico Buarque que encontramos no livro de Wagner Homem? O conceito de verdade pode assumir diferentes variáveis no contexto de “História de Canções”. Os fatos históricos presentes no livro podem ser comprovados através de documentos, mas, muitas histórias colocadas no livro só fazem parte do universo familiar ou de amigos de Chico Buarque e não possuem comprovação documental.

A partir do momento em que não existem documentos ou registros jornalísticos comprovando certos fatos e estes foram colhidos através de depoimentos e entrevistas com o biografado e pessoas que conviveram com ele, estes fatos estão sujeitos à memória destes e, portanto,

fazem parte de um material altamente volátil. Nenhum indivíduo, por mais íntimo que seja de Chico Buarque poderá revelá-lo na sua totalidade. O depoimento das pessoas que se relacionam com ele sempre será uma representação fragmentada do ser humano real e das situações reais.

Para corroborar esta afirmação, recorramos à fala de Candido que afirma que

a noção a respeito de um ser, elaborado por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário. (CANDIDO, 2005, p. 56)

Parece pretensão tentar retomar o momento de criação das canções de um artista e, mais pretensão ainda tentar escrever a vida de quem quer que seja. Por isso, ao chamar de “historinhas” as suas narrativas, Wagner Homem demonstra despreensão em abarcar histórias completas ou incontestáveis em seu livro.

Menor ainda parece ser a sua pretensão literária, pois, no que diz respeito à linguagem utilizada, o autor do livro permanece fiel à sua intenção de contar historinhas. Fato que não o impediu de figurar durante semanas entre a lista dos livros mais vendidos da Revista Veja, ao contrário, possivelmente ajudou, pois, nem todos estão dispostos a consumir literatura, mas quem não pode dedicar alguns minutos a ler ou ouvir “historinhas”?<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Entrevista de Wagner Homem disponível em <http://www.ciberescritas.com/?p=6327> (Acesso em 19/07/2010)

<sup>2</sup> “É muito difícil manter isso (a distância), sobretudo quando o personagem está vivo. Não quero mais fazer (biografia) de personagem vivo. Paulo foi o primeiro e único.” Fernando Moraes em entrevista disponível em: [http://www.fernandomorais.com.br/imprensa.php?id\\_noticia=220](http://www.fernandomorais.com.br/imprensa.php?id_noticia=220) (Acesso em 15/08/2010).

<sup>3</sup> Notícia disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67056.shtml>. (Acesso em 15/08/2010)

<sup>4</sup> “O grande lance do livro foi mesmo essa simplicidade: contar historinha.”, Wagner Homem em entrevista disponível em <http://www.ciberescritas.com/?p=6327> (Acesso em 15/08/2010)

## Referências

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-192.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 51-80

HOMEM, Wagner. *Histórias de Canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009.

---

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MORAIS, Fernando. *O Mago*. Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2008.

PENA, Felipe. *Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis*. Disponível em <http://www.felipepena.com/download/fractal.pdf>. Acesso em 10/06/2010 .